

Otaviano e o complexo de Apolo Palatino: Arquitetura e poder no início do principado

Octavianus and the Palatine Apollo Complex: Architecture and Power at the Beginning of the Principate

MACSUELBER DE CÁSSIO BARROS DA CUNHA¹ (*Universidade Federal de Goiás – Brasil*)

Abstract: Octavianus, who later took the name Augustus, paid special attention to architectonic undertakings throughout his political career and used them as a power strategy. In this article, we deal with the construction of the Apollo complex, on the Palatine, carried out by Octavianus, by emphasizing the symbolic importance of its building site and the god to whom it was dedicated and the relationship between this complex and the context of its consecration, as well as analyzing its key features.

Keywords: Octavianus; Apollo Palatine; *Actium*; Power; Architecture.

Introdução

A construção de novos templos em Roma sempre esteve ligada a uma noção de prestígio e de engrandecimento do nome por trás de tal empreendimento, ressaltando o comprometimento de seu idealizador para com os deuses e para com o povo. No período do Segundo Triunvirato, Otaviano², posteriormente intitulado Augusto, vai projetando cada vez mais uma imagem de respeito às tradições religiosas, e de preocupação com o engrandecimento da *Vrbs* por meio da construção e restauração de edifícios públicos, dentre os quais, os templos tiveram lugar de destaque. O que contribuiu para a construção de uma memória e de todo um imaginário imperial.

Para entender melhor sobre isso, analisamos o complexo arquitetônico dedicado a Apolo, que foi dedicado em 28 a.C., um ano após o regresso de Otaviano a Roma, após sua vitória em Ácio contra Marco Antônio e Cleópatra.

Texto recebido em 28.09.2021 e aceite para publicação em 23.12.2021.

¹ macsuelber@hotmail.com.

² O jovem Otávio adotou o nome de *Gaius Julius Caesar* após a morte de seu pai adotivo, Júlio César. Mas como em 44 a.C. ele passou a adotar o mesmo nome de seu pai adotivo, alguns historiadores optaram por chamá-lo nesse período como Otaviano, com o propósito de diferenciação, embora o futuro *Princeps* nunca tenha usado esse nome para si. Em 27 a.C. ele recebeu do Senado o título de *Augustus*. Neste trabalho, como tratamos de acontecimentos anteriores a 27 a.C., optamos por utilizar o nome Otaviano.

Mas, antes de qualquer coisa, convém tratarmos sobre o período que antecede a consagração do templo no ano de 28 a.C., recuando para o ano de 36 a.C., ano em que o então triúviro Otaviano chegou a Roma após ter vencido Sexto Pompeu na batalha de Nauloco, na Sicília. Este é o ano em que foi decidida a construção do templo de Apolo Palatino, o que levou parte da historiografia³ a defender que o templo teria sido prometido a Apolo após essa vitória, estando, assim, relacionado à batalha de Nauloco, mesmo que tal associação não apareça nas fontes que tratam sobre isso.

A construção do templo de Apolo segundo as fontes literárias

Uma das fontes textuais que menciona a construção do templo e da qual podemos fazer algumas inferências é a obra de Veléio Patérculo, ao afirmar que após a batalha em Nauloco:

César (Otaviano), em seu retorno vitorioso à cidade, fez o anúncio de que pretendia separar para uso público várias casas que ele havia garantido por compra através de seus procuradores, a fim de que houvesse uma área livre próxima de sua própria residência. Ele prometeu ainda construir um templo de Apolo com um pórtico próximo a ele, uma obra que ele construiu com singular munificência⁴.

Ao analisar tal passagem, podemos definir que a construção do templo foi prometida por Otaviano em Roma em 36 a.C., logo após regressar da vitória de Nauloco, momento também em que ele destinou parte de suas propriedades para uso público. Se analisássemos apenas essa fonte sobre tal acontecimento, poderíamos inferir que a promessa do templo estava exclusivamente ligada à vitória contra Sexto, já que em tal passagem não há uma menção ao motivo que levou à promessa de construção do templo. No entanto, devemos fazer a análise de outras fontes textuais que mencionam a construção, como, por exemplo, as obras de Suetônio e Dion Cássio.

Segundo Suetônio, Otaviano “construiu o templo de Apolo na parte de sua casa do Palatino que fora atingida por um raio e que os adivinhos declararam ser escolhida pelo deus”⁵. Por sua vez, Dion Cássio explica que:

³ Por exemplo, Paul ZANKER (2005) 50, Lawrence RICHARDSON (1992) 14, Diane FAVRO (2008) 89, Karl GALINSKY (1998) 213, John STAMPER (2005) 116.

⁴ Vell. 2.81.

⁵ Suet. Aug. 29.3.

As pessoas neste momento resolveram que uma casa deveria ser dada a César (Otaviano) a expensas públicas; pois ele havia feito propriedade pública do lugar no Palatino que ele havia comprado com o propósito de erigir uma residência, e o havia consagrado a Apolo, depois que um raio caiu sobre ele⁶.

A análise destas passagens complementa as informações dadas por Veléio Patérculo, de modo que a partir destes trechos temos importantes detalhes acerca da construção do templo. Tanto Suetônio quanto Dion Cássio deixam claro o motivo para que o templo tenha sido construído sobre a propriedade de Otaviano, próximo à sua casa, qual seja, o fato de que a propriedade havia sido atingida por um raio e, por isso, Otaviano tinha tornado esta área propriedade pública. Suetônio esclarece ainda que foram os arúspices que determinaram que tal fato representava a escolha do deus por aquele lugar. Dion Cássio complementa esclarecendo que devido a isso, o povo resolveu que uma casa deveria ser dada a Otaviano a expensas públicas.

A partir do que foi exposto, concordamos com autores como Carsten H. Lange⁷ e Olivier Hekster e John Rich,⁸ dentre outros, que em seus trabalhos, esclarecem que a construção do templo de Apolo Palatino não se deu devido a uma oferta feita como um ato de ação de graças pela vitória na Sicília, mas sim após o local ter sido atingido por um raio, visto assim como um *prodigium*, que devia ser expiado com a construção de um templo.

Como vimos por meio da análise das fontes textuais, após chegar a Roma, em 36 a.C. e adquirir, com recursos próprios, um espaço para a construção de sua casa no Palatino, um raio atingiu o lugar, um *prodigium* que foi interpretado pelos arúspices como o desejo de Apolo por aquela área. Deste modo, Otaviano fez de toda aquela área um lugar público, dedicando-o a Apolo.

Percebemos por meio das fontes que a decisão de construir um templo a Apolo sobre o Palatino não partiu de Otaviano, embora ele tenha sabido aproveitar as associações simbólicas advindas daí, bem como soube se utilizar disso a seu favor para construir uma imagem positiva de si e de seu governo. Além disso, a análise de tais fontes também é extremamente útil na interpretação dos dados provenientes das escavações arqueológicas nesta área do Palatino, de

⁶ Dio Cass. 49.15.

⁷ (2009) 167.

⁸ (2006) 149-150.

modo que ambas as fontes, escritas e materiais, nos auxiliam a compreender sobre a construção deste complexo arquitetônico, bem como de sua importância para o governo de Augusto.

Deste modo, passamos à análise do complexo destinado a Apolo. No que se refere ao complexo arquitetônico, que contava com o templo, o pórtico das Danaides, o bosque sagrado de Apolo e as bibliotecas grega e latina, muito pouco resistiu ao tempo, de forma que as informações que temos derivam dos autores antigos bem como das escavações arqueológicas citadas anteriormente.

O templo de Apolo Palatino

Stephan Zink é um dos pesquisadores que se dedicou ao estudo deste complexo arquitetônico, publicando diversos artigos com as conclusões de sua pesquisa. A partir dos fragmentos de mármore encontrados, ele buscou determinar o possível traçado e as possíveis proporções do templo, já que do templo temos apenas restos do pódio com os buracos das fundações e poucos fragmentos em mármore. Sobre a planta do templo, ele informa que o ponto inicial para a reconstruir foram as fundações frontais, mais precisamente as impressões e marcas deixadas no solo pelos blocos de pedra que se perderam (Fig. 1a e 1b). “Seu mapeamento cuidadoso permite a reconstrução de blocos individuais e a determinação relativamente precisa dos contornos originais dos pilares de fundação”⁹.

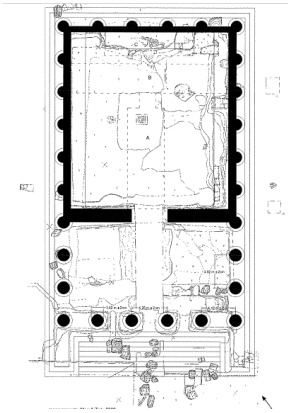


Figura 1a: Reconstrução da planta do templo de Apolo Palatino sobre os vestígios do sítio arqueológico, ZINK (2012) 35.

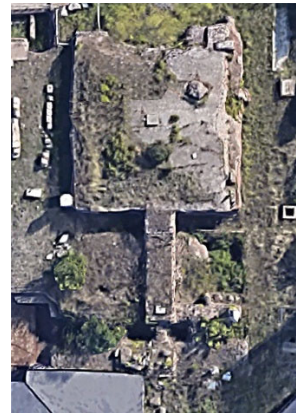


Figura 1b: Templo de Apolo Palatino. Vestígios do sítio arqueológico. Imagem de satélite disponível no Google Maps. Acesso em 13 de julho de 2020.

⁹ ZINK (2008) 55.

São estas pesquisas nas fundações do templo que o faz afirmar com certeza a orientação do templo, que segundo a grande maioria dos arqueólogos, desde Pietro Rosa, teria sua fachada voltada para o sudoeste, em direção ao Circo Máximo¹⁰.

O templo de Apolo Palatino ficava sobre um alto pódio, com uma colunata coríntia feita com o branco mármore de Luna; e diferente de outros templos que eram apenas cobertos com placas de mármore, graças a Virgílio podemos inferir que o templo de Apolo era todo feito em mármore (*solido de marmore templum*)¹¹. Por meio das escavações, hoje se acredita que o templo era hexástilo e pseudoperiptero.

Alguns dos aspectos e características que sabemos sobre o templo nos chegaram graças aos poetas do período. Dentre eles, Propércio nos traz importantes informações sobre o complexo de Apolo, quando buscou se justificar à sua amada, Cíntia, sobre o motivo de seu atraso.

*Queres saber por que me atraso? O magno César (Otaviano)
a Febo dedicou um áureo pórtico.*

*Eram de encher os olhos as colunas Púnicas
onde as filhas do velho Dânao ficam.*

*Ali, mais belo do que o próprio Febo, um mármore
parecia cantar sem som de lira.*

*e ao redor desse altar se erguia a grei de Míron,
estátuas vivas, quatro bois do artista.*

*No centro, em puro mármore reluz o templo
mais caro a Febo do que pátria Ortígia:*

*sobre o frontão se encontra o Sol na carruagem;
portas — fina obra num marfim da Líbia:*

*uma os Gauleses rechaçados do Parnaso
chora e a outra — os lutos da Tantálide.*

*Por fim, entre a irmã e a mãe, o próprio deus
Pítio com longo traje entoa um canto*¹².

¹⁰ Um dos únicos a questionar esta orientação é T. P. WISEMAN (2012), que propõe uma orientação do templo voltada para o nordeste. Além dele, podemos citar também a autora Amanda CLARIDGE (2014), que em seu trabalho se utiliza dos dados obtidos nas escavações de Zink para propor uma orientação do templo voltada a nordeste.

¹¹ Verg. A. 6.69-73.

¹² Prop. 2. 31.

Já tínhamos visto que, segundo Veléio Patérculo¹³, o templo fora construído por Otaviano com “singular munificência”. Vemos na descrição de Propércio, que o templo resplandecia todo feito em mármore, centralmente localizado. O uso do mármore nas construções augustanas se ligava a toda uma carga simbólica, denotando o poder do patrono da obra, de modo que seu uso, na arquitetura urbana, estava relacionado à noção de *maiestas*. A magnitude de tal construção fez com que, segundo Propércio, o templo fosse mais caro a Apolo do que sua própria terra natal, Ortígia.

De todo o mármore utilizado no templo de Apolo, poucos fragmentos sobraram, dos quais podemos citar parte da arquitrave e da cornija horizontal pertencentes ao entablamento do templo; fragmentos de bases de colunas, de um tambor de coluna e de capitéis coríntios; e um grande bloco de mais de 3 metros de altura pertencente ao portal do templo. A partir de tais fragmentos, arqueólogos como Zink¹⁴, Caroline Quenemoen¹⁵, dentre outros, podem propor reconstruções de como seria a elevação da fachada do templo, de modo que a partir de seus cálculos, sabe-se que as colunas possuíam cerca de 14 metros. Se levarmos em conta ainda o alto pódio, o frontão e os acrotérios, podemos imaginar a grandiosidade do templo, que além de alto, media aproximadamente 25 X 45 metros.

No entanto, a *auctoritas* inerente ao templo e que auxiliava a destacar a *maiestas imperii* não se devia apenas ao mármore utilizado, mas também às cores e à decoração de um modo geral. Diversos poetas augustanos mencionaram em suas obras a expressão *aurea templa* para se referir aos templos do período de Augusto. Em Virgílio¹⁶ a palavra *aurea* está relacionada diretamente com o templo de Júpiter Capitolino, já que o mesmo possuía telhas de bronze dourado. Em *Amores*¹⁷, Ovídio mencionou os templos de ouro (*aurea templa*) dos deuses sagrados. E nos *Fastos*, ele escreveu: “*Prazem-me os templos de ouro, embora estime os priscos / ao deus convém a própria majestade*”¹⁸. Nas *Elegias*,

¹³ Vell. 2. 81.

¹⁴ (2008) 58-62.

¹⁵ (2006) 237.

¹⁶ Verg. A. 8. 347-348.

¹⁷ Ov. Am. 3.9.

¹⁸ Ov. Fast. 1.223-224.

Propércio afirma que “*ergueram-se templos de ouro a deuses de barro*”¹⁹. A menção aos templos de ouro pelos poetas augustanos pode ter sido vista como algo metafórico, algo como uma licença poética, já que, no passado, não poderia ser comprovado através dos vestígios arqueológicos. No entanto, atualmente as novas tecnologias nos permitem determinar com bastante aproximação as cores dos pigmentos utilizados na pintura de esculturas ou outras partes arquitetônicas encontradas nas escavações. De tal forma que, no caso do templo de Apolo no Palatino, a partir de reconstituições em 3D, atualmente é possível termos uma ideia de como teria sido o templo, suas proporções, cores, entre outras coisas.

Stephan Zink juntamente com Heinrich Piening, em um artigo publicado em 2009, trazem importantes esclarecimentos sobre as cores do templo de Apolo Palatino. Por meio da técnica chamada *UV-VIS Absorption Spectrometry*²⁰, eles analisaram os fragmentos de mármore encontrados nas escavações e conseguiram definir quais cores cada parte possuía. De acordo com estes autores, em seu aspecto geral, o templo reluzia com sua colunata em branco mármore de Luna, que não levava pintura ao longo de todo o fuste. Seus capitéis coríntios tinham o corpo em ocre claro, as folhas de acanto e as volutas em dourado, as flores e as bordas das folhas eram coloridas de verde (Fig. 2). A arquitrave possuía a parte superior com coloração ocre acastanhado e a parte inferior em ocre muito claro (Fig. 3). As cornijas apresentavam predominantemente tons de amarelo claro, mas também detalhes em azul, vermelho, verde e marrom (Fig. 4). Percebemos, assim, o impacto visual que o templo deve ter causado aos olhos de seus contemporâneos, tamanha sua grandiosidade, a beleza de suas cores e a riqueza de seus ornatos.

¹⁹ Prop. 4. 1.

²⁰ A técnica baseia-se na observação de que interações complexas ocorrem entre ondas de luz eletromagnéticas e a estrutura físico-química de um pigmento. Estas interações causam espectros característicos que são essencialmente impressões ópticas. A identificação de um pigmento é possível através da comparação do seu espectro característico com os dados de referência, pelo que são utilizados critérios matemáticos, ZINK; PIENING (2009) 110-112.



Figura 2: Reconstrução do esquema de cores do capitel, ZINK; PIENING (2009) 117.



Figura 3: Reconstrução do esquema de cores do entablamento, ZINK; PIENING (2009) 118.



Figura 4: Reconstrução do esquema de cores da cornija, ZINK; PIENING (2009) 119.



Figura 5a: Reconstrução do esquema de cores do templo, ZINK; PIENING (2009) 120.

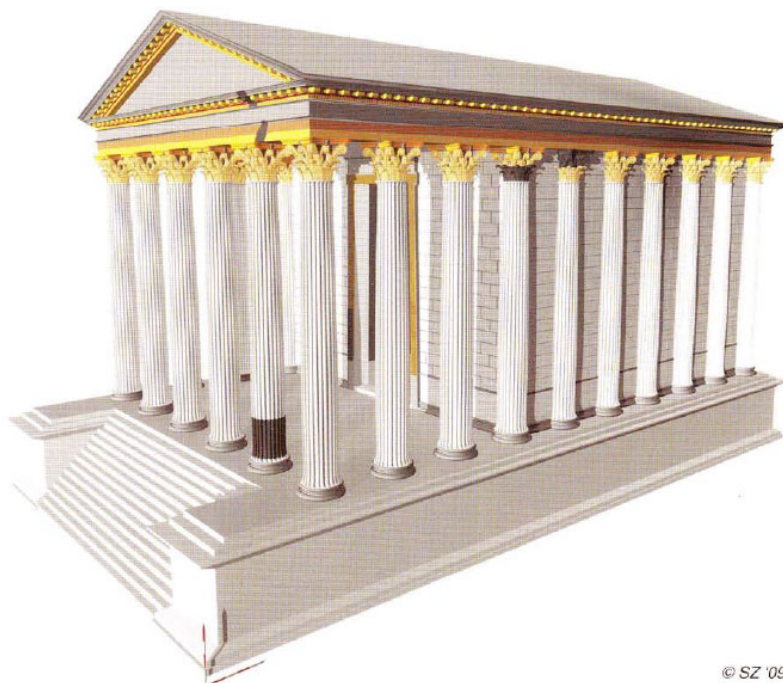


Figura 5b: Reconstrução do esquema de cores do templo com os fragmentos encontrados no sítio arqueológico em cinza escuro, ZINK; PIENING (2009) 121.

O templo era ainda coroado no alto de seu frontão com o carro do deus Sol, o que, segundo Jean Gagé²¹, exprimia de maneira alegórica o aspecto solar de Apolo, mas também de maneira clara o suficiente para aqueles que cada vez mais reconheciam essa natureza como essencial ao deus.

A porta dupla, definida por Propércio²² como um nobre trabalho realizado em marfim da Líbia, era esculpida com diferentes motivos. Uma delas exibia a miraculosa expulsão dos gauleses de Delfos em 278 a.C., a outra aludia à punição que Apolo conferiu a Níobe por esta ter ridicularizado Latona, mãe de Apolo, pelo fato de ter tido menos filhos que ela própria. Sobre a iconografia da porta, Galinsky afirma que “Apolo assim aparece como salvador e vingador, duas características que ressoaram no contexto augustano”²³.

²¹ (1955) 541.

²² Prop. 2. 31.

²³ GALINSKY (1998) 218-219.

De acordo com Propércio²⁴, na cela do templo estavam as estátuas cultuais de Apolo entre sua irmã Diana e sua mãe Latona. Desta forma, o templo de Apolo, apesar de conter apenas uma cela, abrigava as estátuas cultuais de uma verdadeira tríade divina. Segundo Gagé²⁵, tal disposição das estátuas de culto lembrava, certamente pela primeira vez no “apolinismo” romano, os grupos de tríades já familiares aos romanos, como os de Júpiter, Juno e Minerva, no Capitolino e Céres, Líber e Líbera, sobre o Aventino.

No monte Palatino, a tríade apolínea foi recebida por uma de suas residentes mais antigas e que também foi fundamental na propaganda augustana. Trata-se da deusa Vitória, divindade cara à ideologia do *Princeps*. Podemos ver esta significativa representação numa série de relevos datada entre o período augustano e os primeiros anos do século I d.C., cujo exemplar melhor conservado se encontra na Villa Albani (Fig. 6).

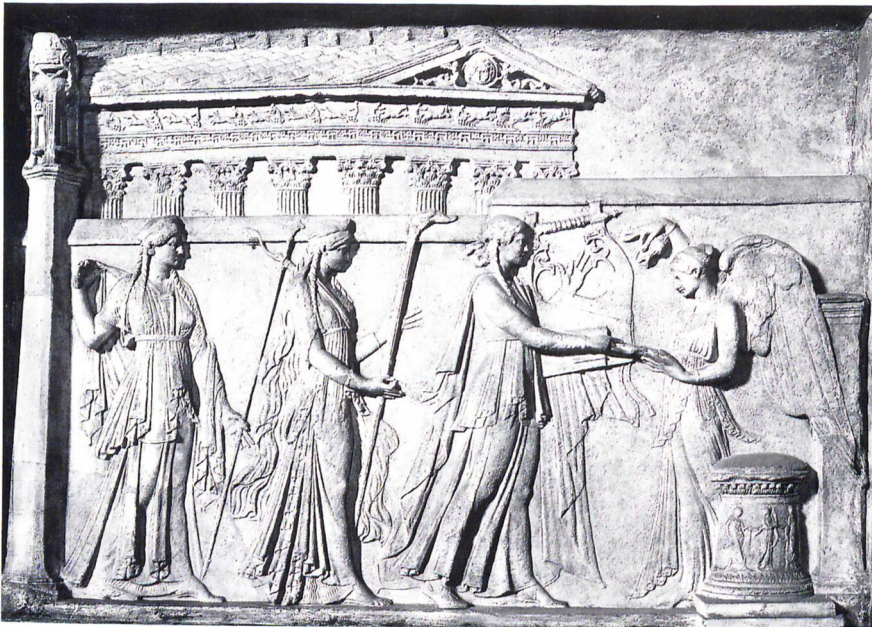


Figura 6: Relevo com tríade apolínea e Vitória. Roma, Vila Albani, CECAMORE (2002) 124.

²⁴ Prop. 2. 31.

²⁵ (1955) 534.

No relevo são representados, da direita para a esquerda, a deusa Vitória, com um pequeno altar redondo próximo a ela, Apolo com uma cítara, Diana com uma tocha e Latona com um cetro, todos em estilo arcaizante; os três últimos indo em direção à Vitória que faz uma libação com a mão direita, de modo que todos tomam parte neste ritual. Ao fundo há um cenário arquitetônico constituído de um muro, atrás do qual surge a parte de cima de um templo tetrastilo, com capitéis coríntios, friso com a representação de uma corrida de bigas e um escudo de Górgona sustentado por tritões no frontão. Na extremidade esquerda há uma pilastra com uma trípole. Há várias hipóteses sobre o templo ao fundo, sendo que a identificação do templo representado com o de Vitória, no Palatino, é a mais aceita.

É evidente que a protagonista do relevo com a tríade é a Vitória; é ela que celebra a libação e o pequeno altar redondo é representado ao lado dela. Se podemos considerar que o templo representado seja um edifício real, então é extremamente provável que se trate de seu templo [...].²⁶

Sendo assim, a deusa Vitória recebeu a tríade apolínea no Palatino. As características da tríade representada confirmam que se trata das estátuas cultuais presentes no templo de Apolo, já que estas características coincidem com a representação que se encontra no lado B da base de Sorrento (Sorrento, Museu Correale de Terranova, Inv. 3657) (Fig. 7)²⁷.



Figura 7: Base de Sorrento. Lado B. Inv. 3657. Sorrento, Museu Correale de Terranova, CECAMORE (2004) 309.

²⁶ CECAMORE (2002) 125.

²⁷ Trata-se de um consenso associar a representação da tríade apolínea da base de Sorrento com as estátuas cultuais que ficavam no interior do templo.

Neste relevo, pode-se ver três figuras em pé: a figura ao centro representa Apolo, vestindo um longo e largo péplos dórico e que trazia a cítara sobre o braço esquerdo²⁸; à esquerda de Apolo (à direita de quem vê) se encontra a representação de Latona, segurando um longo cetro com a mão direita e com a cabeça velada; e do lado oposto de Apolo, se encontra Diana, segurando uma tocha na mão esquerda, enquanto a mão direita se apoia sobre o quadril. Aos pés de Apolo e Latona, há a representação de uma Sibila sentada ao chão, seminua, com uma urna próxima a ela. Tal representação seria uma alusão aos livros sibilinos que foram transferidos do templo de Júpiter Capitolino para o templo de Apolo Palatino.

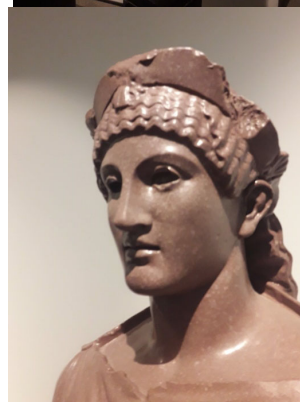
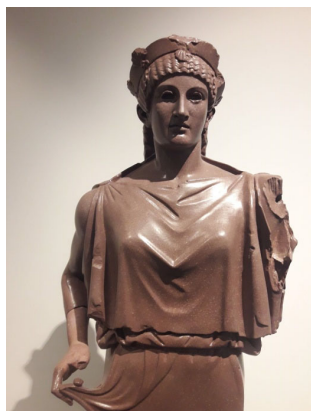


Figura 8: Cópia do Apolo Patroos. Inv. 582. Cidade do Vaticano, Museus do Vaticano, ROCCOS (1989) 584.

²⁸ De acordo com CECAMORE (2002) 310, “o apoio da cítara na junção do braço é claramente visível e é provável que o elemento quadrangular que se projeta acima do ombro do deus sobreposto sobre uma das pernas da trípole seja o que resta da voluta terminal da cítara. A estátua de culto dentro do templo devia, portanto, segurar a lira encostada no ombro e na parte superior do braço, na pose conhecida no Apolo Barberini e na cópia do Apolo Patroos, no Vaticano” (Fig. 8).

O pórtico das Danaides e as bibliotecas

O efeito visual do templo, em seu alto pódio, com tantos detalhes em amarelo, ocre e dourado e coroado com a quadriga do deus sol, devia ser fascinante e resplandecente. E para ampliar ainda mais este efeito, o templo tinha próximo a ele, o pórtico das Danaides, o qual Propércio menciona usando a expressão pórtico de ouro ou pórtico dourado (*aurea porticus*)²⁹. Inaugurado em 25 a.C., possuía colunas em mármore numidiano (*giallo antico*). Foram encontrados também fragmentos de colunas em mármore *pavonazetto* e em *porta santa*, um mármore de coloração avermelhada; além das três estátuas em mármore *nero antico* e uma em mármore *rosso antico*, que muitos identificam com as Danaides (Fig. 9)³⁰.



²⁹ Prop. 2. 31.

³⁰ ZINK (2014) 246 e QUENEMOEN (2006) 229.



Figura 9: Hermas em *nero antico* e *rosso antico*³¹. Roma, Museu Palatino. Fotos tiradas pelo autor no mesmo museu em 13/01/2019.

Como o pórtico das Danaides foi destruído no incêndio de 64 d.C. e não há menção a ele posterior a esta data, afirma-se que ele não foi reconstruído após o incêndio, de tal forma que não há como saber com precisão o local, a configuração e as proporções do mesmo. Por meio da passagem de Propércio, já mencionada, sabe-se que o templo de Apolo tinha posição centralizada em relação ao pórtico, de modo que há duas hipóteses quanto à sua posição: uma hipótese pouco aceita é a de que o pórtico cercava o templo; e uma hipótese reconstrutiva largamente defendida é de que o pórtico se localizava à frente do templo.

Dentre os autores que defendem que o pórtico das Danaides circundava o templo, temos Maria A. Tomei e Caroline Quenemoen. Tomei³² publicou um estudo, em 2000, tratando sobre o arco no palatino que foi dedicado por Augusto em homenagem a seu pai biológico, Otávio. Apesar de não sabermos a

³¹ As hermas e fragmentos de hermas foram encontrados por Pietro Rosa por volta de 1865, numa galeria subterrânea na área sagrada do templo de Apolo. A primeira e a segunda fotos correspondem à herma em *nero antico* (Inv. 1053), que foi restaurada no período da descoberta. A terceira e a quarta fotos correspondem à reprodução em resina da herma em *rosso antico* com a inclusão de fragmentos originais (Inv. 486331). A quinta e a sexta fotos correspondem à herma em *nero antico* (Inv. 1048), que foi restaurada no período da descoberta. GASPARRI; TOMEI (2014) 170-171.

³² (2000) 572-586.

localização precisa do arco, Tomei defende que o mesmo se localizava na parte de trás do templo, e era coroado por uma quadriga com Apolo e Diana, obra do escultor grego Lísias. Esta autora lançou a hipótese de que o pórtico das Danaides percorria as laterais do templo, bem próximo a ele, e se conectavam com o arco de Otávio, que servia de entrada para o recinto (Fig. 10). Baseada nas contribuições de Tomei e num estudo detalhado dos fragmentos considerados do pórtico das Danaides, Caroline Quenemoen³³ propõe uma possível reconstituição do pórtico, na qual ela sugere que o pórtico cercava o templo por três lados, direito, esquerdo e traseiro. Para esta autora, o pórtico teria dois andares, o andar térreo teria colunas em *porta santa* e o andar superior teria colunas em *giallo antico* e colunas em *pavonazetto*. Em sua reconstituição (Fig. 11a e 11b), as estátuas das Danaides³⁴, ao estilo de cariátides, mas com estilo austero e que medem cerca de 1,20 metros de altura, estariam entre as colunas superiores e suportariam o parapeito do piso superior do pórtico.

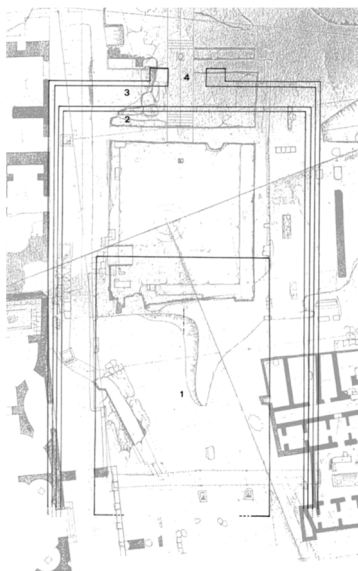


Figura 10: Hipótese de posicionamento do pórtico das Danaides. 1) templo de Apolo; 2) colonata; 3) parede de fechamento externa; 4) posição do arco central do arco, TOMEI (2000) 583.

³³ (2006) 235-243.

³⁴ Que ela associa com as estátuas em *rosso e nero antico* encontradas nas escavações de P. Rosa.

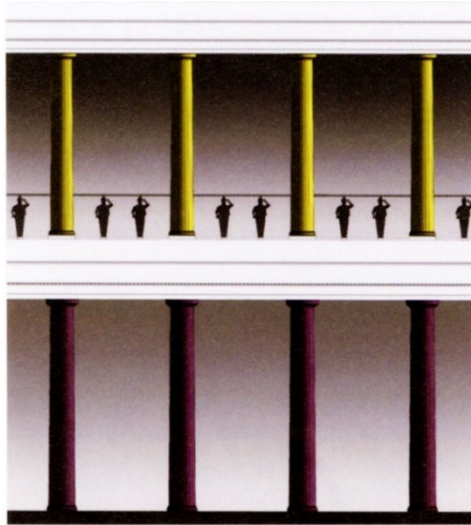


Figura 11a: Reconstrução em 3D do Templo de Apolo e do Pórtico das Danaides, QUENEMOEN (2006) 240.



Figura 11b: Reconstrução em 3D da elevação do pórtico, QUENEMOEN (2006) 240.

No entanto, a hipótese mais aceita e que é defendida pela grande maioria dos pesquisadores é a de que a área englobada pelo pórtico ficava em frente ao templo, de modo que o pórtico se estendia a leste até encontrar as bibliotecas e a oeste sendo limitada pelas *scalae caci*. Dentre os estudiosos que adotam esta hipótese há diferentes propostas de reconstituições. Andrea Carandini e Daniela Bruno³⁵ defendem que o complexo arquitetônico de Apolo era composto de dois terraços e que no período de Augusto havia apenas uma biblioteca³⁶ (com textos gregos e latinos), de modo que esta ficava em posição centralizada com relação à área aberta englobada pelo pórtico das Danaides, tudo no terraço superior; já no terraço inferior se localizaria a área *Apollinis* (Fig. 12a e 12b). Já Patrizio Pensabene³⁷, a partir de estudos mais recentes na área, demonstra que já no período de Augusto havia duas bibliotecas, de modo que propõe que a área englobada pelo pórtico das Danaides era maior do que o aceito anteriormente. Para este autor, o complexo poderia ser em um único nível ou composto de dois terraços, mas, independentemente disso, ele defende que a *Area Apollinis* se localizava na parte englobada pelo pórtico das Danaides. Pelos fragmentos encontrados, este autor esclarece que o pórtico possuía colunas com capitéis jônicos e fuste em *giallo antico* com cerca de 8 metros de altura.

No que se refere às estátuas das Danaides, sabemos por meio de Ovídio³⁸ que as mesmas se localizavam entre as colunas (*alterna columnis*) do pórtico. Tanto Carandini e Bruno, quanto Pensabene, defendem que o pórtico possuía um único piso, de modo que as estátuas das Danaides ficavam entre as colunas que separavam a área coberta do pórtico da área descoberta englobada por ele; além disso, ambos autores defendem que em frente a cada uma das Danaides (na parte descoberta) havia uma estátua equestre dos seus primos/maridos.

³⁵ (2010) 211-225.

³⁶ Para estes autores, uma segunda biblioteca teria sido construída no período dos Flávios.

³⁷ (2017) 95-111.

³⁸ Ov. Tr. 3. 1.

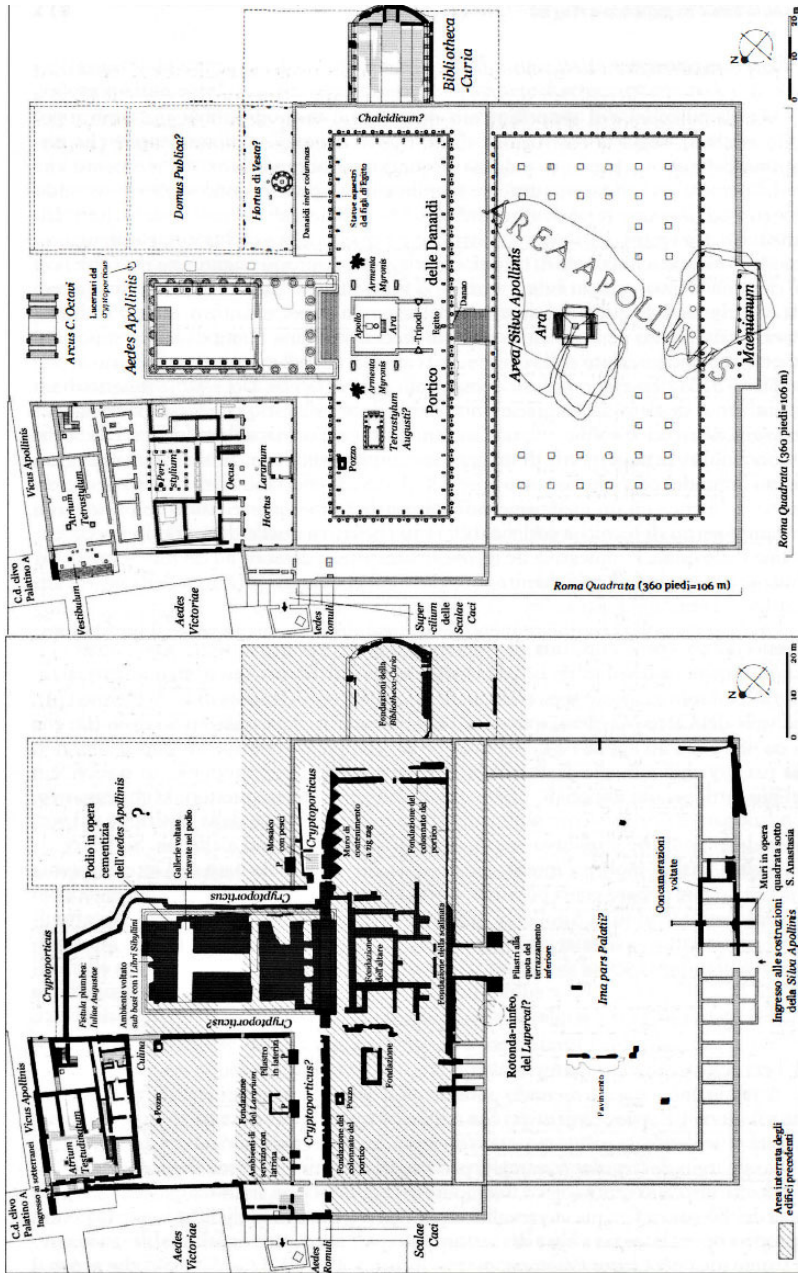


Figura 12a: Hipótese reconstrutiva da planta do Complexo de Apolo, CARANDINI; BRUNO (2010) 212.



Figura 12b: Hipótese reconstrutiva do Complexo de Apolo, CARANDINI; CARAFA (2012).

Como havíamos mencionado anteriormente, Pensabene não concorda que as estátuas³⁹ (Fig. 9) encontradas nas escavações sejam, de fato, as Danaides presentes no pórtico, pois segundo ele tais estátuas eram muito pequenas (cerca de 1,20 metros de altura) para ficar entre as colunas de mais de 8 metros de altura. Ele defende que tais peças faziam parte da casa de Otaviano. Para este autor, as estátuas das Danaides seriam estátuas maiores e com mais detalhes⁴⁰ (diferente de hermas) que teriam servido de modelo para as estátuas de bronze encontradas na Vila dos Papiros⁴¹ (Fig. 13); opinião compartilhada por Paul Zanker⁴².

³⁹ Pelo formato que possuem, ele as associa com hermas.

⁴⁰ Segundo PENSABENE (2017) nenhuma destas estátuas foram encontradas porque após o incêndio ocorrido durante o governo de Domiciano, o pórtico das Danaides não foi reconstruído com a mesma dimensão para ele poder usufruir do espaço a leste do templo de Apolo a fim de estender até ali a *domus* Flávia. Junto a isso, Pensabene recorda uma notícia de Flamínio Vacca sobre a descoberta na área do Estádio de Domiciano de 18 ou 20 torsos de estátuas representando amazonas, pouco maiores que o natural, e que propôs identificar com as Danaides.

⁴¹ De acordo com o guia do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, CAPPELLI; MONACO (2018) 70, as estátuas foram definidas erroneamente como “dançarinas” por Winckelmann no século XVIII, depois foram reconhecidas como hidróforas (transportadoras de água) no final do século XIX e, finalmente, no século XX foram identificadas como as Danaides.

⁴² (2018/2019) 50.



Figura 13: Estátuas das Danaides encontradas na Vila dos Papiros. Bronze. Nápoles, Museu Arqueológico Nacional⁴³.

⁴³ As três primeiras imagens (respectivamente Inv. 5619, 5604 e 5620) são fotos tiradas pelo autor no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles em 11/02/2019; e as duas últimas (respectivamente Inv. 5621 e 5605) são fotos disponíveis no site do museu.

Independentemente de como tenham sido, as estátuas das Danaides aludiam ao mito, no qual Danaus, que chegou à Grécia fugindo de seu irmão Egito, tinha prometido suas 50 filhas em casamento aos 50 filhos de Egito. Para evitar um combate sangrento, Danaus instruiu suas filhas a matarem seus maridos na noite do casamento. Todas seguiram o comando de seu pai, com exceção de Hypermestra. As quarenta e nove filhas de Danaus foram punidas por Hades: elas tiveram que levar água em jarros furados por toda a eternidade.

Há várias hipóteses que tratam sobre a simbologia de tais estátuas. De acordo com Lange:

Tradicionalmente, o pórtico tem sido associado à luta de Otaviano contra Antônio e Cleópatra. Há três possibilidades principais: em primeiro lugar, as Danaides simbolizaram a guerra civil, ZANKER (1983) 27-31, em segundo lugar, a derrota bárbara, SIMON (1986) 19-25; LEFÈVRE (1989) 14, e em terceiro lugar, as Danaides são os bárbaros em vez dos filhos de Egito. HARRISON (1998) 173, 233-234⁴⁴.

Eugenio LA ROCCA⁴⁵ esclarece que devido à ambiguidade própria do mito, ele é passível de numerosas chaves de leitura, de modo que poderia recordar às mulheres romanas de se submeterem aos maridos (prelúdio das leis morais que seriam promulgadas anos mais tarde por Augusto); poderia ser uma alegoria da piedade filial, já que as filhas obedecem ao pai, que tinha recebido um oráculo prevendo que seria morto por um neto; ou poderia aludir à vitória sobre Cleópatra, significando uma consciente e deliberada vontade de libertação do jugo estrangeiro. Para Gilles Sauron,

A presença das Danaides entre as colunas em mármore numídico de um pórtico que delimitava a “área sagrada de Apolo” (Area Apollinis) mesclava numa mesma evocação toda a decadência com que a propaganda envolvia aquela época ímpia e criminosa porque, segundo a lenda, duas delas se chamavam Cleópatra, reforçando, assim, a semelhança do destino delas de esposas criminosas com aquele da última rainha do Egito, assassina do irmão e esposo Ptolomeu XIV. O modo como a propaganda augustana ligava profundamente o mito e a história, na exaltação ou na recusa, é particularmente perceptível nesta representação extraordinária de uma teoria de criminosas, condenadas a um suplício eterno no mundo inferior por terem matado seus maridos⁴⁶.

⁴⁴ LANGE (2009) 171-172.

⁴⁵ (2018/2019) 46-47.

⁴⁶ SAURON (2013) 87.

Independente de qual hipótese seja a mais provável, não se pode deixar de notar que o pórtico das Danaides fez uma clara alusão ao Egito, que tinha sido conquistado anos antes por Otaviano.

No lado leste do pórtico havia, como vimos, a biblioteca dupla com obras em grego e em latim, lugar onde, segundo SUETÔNIO⁴⁷, Augusto, já velho, presidiu com frequência o Senado e passou em revista as assembleias de juízes.

Segundo Lionel Casson⁴⁸, tal estrutura foi a segunda biblioteca pública de Roma, e seus vestígios são os mais antigos que temos de uma biblioteca pública romana. A partir dos achados arqueológicos, Casson nos informa que a biblioteca palatina era composta de duas câmaras idênticas, lado a lado; no centro da parede de fundo de ambas as estruturas, havia um grande recuo que provavelmente abrigava uma estátua; em cada lado dos recuos e ao longo das paredes laterais havia nichos com 1,60 metro de largura com 60 centímetro de profundidade. Tudo indica que havia dezoito nichos ao todo (Fig. 14). A colocação do acervo em nichos na parede deixava o meio livre para os leitores, onde provavelmente havia mesas e cadeiras.

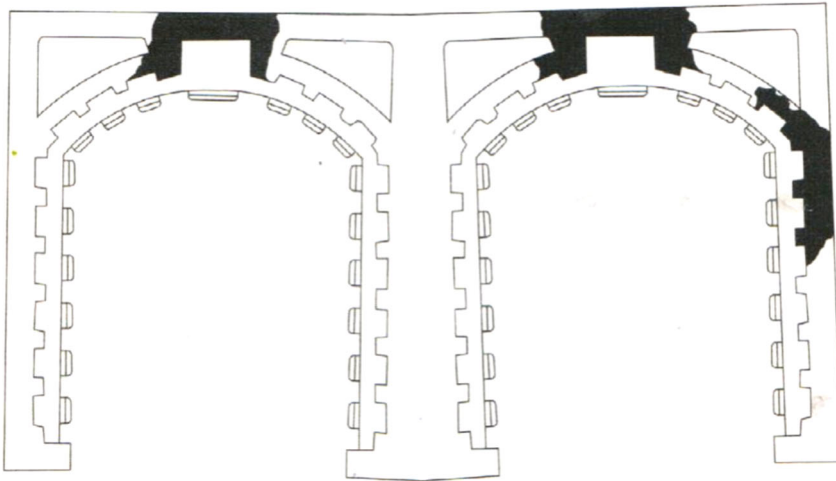


Figura 14: Planta das bibliotecas grega e latina do Complexo de Apolo Palatino, CASSON (2018) 97.

⁴⁷ Suet. Aug. 29.

⁴⁸ (2018) 96-99.

A *Area Apollinis*

Da entrada das bibliotecas, um observador que olhasse para fora veria as colunas e as Danaides do pórtico, e, de acordo com Pensabene⁴⁹, atrás delas veria a *Area Apollinis*, que compreendia todo o espaço circundado pelo pórtico das Danaides, em frente ao templo de Apolo. Na *Area Apollinis* se situava um bosque sagrado. De acordo com Pierre Gros, a *silva* do Palatino se constituía num elemento estruturante, e não apenas como um elemento ornamental do santuário, ou como um anexo à *domus* do *Princeps*, de modo que ela contribuía para integrar a área *Apollinis* à linhagem dos grandes santuários do Oriente helenizado, e para demonstrar o aspecto oracular do santuário, além disso, o bosque sagrado se tornou o símbolo efetivo da Idade do Ouro. “Nesse sentido, o bosque sagrado estava no próprio coração do projeto religioso e ideológico e não podia deixar de ocupar um lugar eminente na *Area Apollinis*”⁵⁰.

Além de sua importância ligada aos aspectos oraculares de Apolo, era também na Área *Apollinis* que ficava o altar cercado pelas quatro estátuas de bois feitas por Míron, estátuas estas que deviam ser em tamanho natural e incrivelmente realistas, já que Propércio as caracteriza como estátuas cheias de vida, *vivida signa*⁵¹. Próximo ao altar também havia outra estátua de Apolo, que, de acordo com Propércio, seria mais bela do que o próprio Apolo e “parecia cantar sem som de lira”⁵².

O complexo de Apolo Palatino e sua relação com Ácio

A partir do que foi exposto até aqui, podemos perceber a grandiosidade do complexo dedicado a Apolo, que por meio de um prodígio escolheu a colina Palatina e, mais precisamente, parte da propriedade de Otaviano, para residir, ganhando de seu tutelado um dos templos mais bonitos de Roma naquele período. E como se não bastasse um templo todo em mármore, na colina mais importante para a história fundacional de Roma, ganhou também um pórtico dourado (*aurea porticus*), bibliotecas e um bosque sagrado, de modo que o conjunto formava um verdadeiro santuário dedicado a Apolo.

⁴⁹ (2017) 95-111.

⁵⁰ GROS (2003) 65.

⁵¹ Prop. 2. 31.

⁵² Prop. 2. 31.

Por meio da construção deste santuário, junto a sua residência no Palatino, Otaviano se associou diretamente a Apolo, estabelecendo não apenas uma relação simbólica de peso, como também uma conexão material (por meio da ligação entre sua casa e o templo). E tudo isso feito na colina em que Roma fora fundada, de forma que Otaviano manipulou uma memória ligada a importantes narrativas fundacionais, de modo a se ligar a este passado glorioso, ao mesmo tempo em que inseriu o novo (representado pelo complexo de Apolo) nesta colina. Concordamos com Eric Orlin⁵³ ao dizer que “remodelar as memórias do passado é uma etapa fundamental na criação de um novo presente e, portanto, de um novo futuro para o Estado romano”, e foi o que Otaviano fez, ou seja, remodelou memórias do passado, a partir da seleção de histórias, imagens, mitos e símbolos que mais o auxiliariam na construção de uma memória, projetando sua figura e inserindo-a na história romana. Apesar de ter feito isso ao longo de seu governo e por diversos meios, acreditamos que a construção do complexo de Apolo foi o primeiro grande passo nesta direção, haja vista que foi prometido ainda em 36 a.C., no período triunviral.

O templo que foi prometido em 36 a.C., foi consagrado no ano de 28 a.C., três anos após a vitória de Otaviano sobre Cleópatra e Marco Antônio no promontório de Ácio. A consagração do Templo de Apolo, em certa medida, foi a culminância da política adotada por Otaviano desde os tempos do triunvirato, quando buscava macular a imagem de Antônio e sua excessiva proximidade com Cleópatra e o estilo de vida luxuoso e extravagante do Oriente.

Apesar de o templo de Apolo ter sido iniciado anos antes da batalha de Ácio, o templo deve ter sido associado a este grande acontecimento. Mesmo porque, a batalha de Ácio foi travada próximo de um antigo templo de Apolo, de modo que Otaviano associou sua vitória ao auxílio direto deste deus, reconstruindo este templo de Apolo em Ácio, de modo que podemos inferir que tal associação também se efetuou entre Apolo Palatino e a batalha de Ácio.

De acordo com John F. MILLER⁵⁴, na medida em que Otaviano honrou Apolo em conexão com Ácio de diversas maneiras, podemos dizer que ele iniciou a ideia da ajuda de Apolo em sua vitória militar sobre Marco Antônio

⁵³ (2007) 87.

⁵⁴ (2009) 57.

e Cleópatra. O que mais tarde foi traduzido por poetas do período em narrativas que colocavam de modo claro o auxílio de Apolo na batalha. Com Virgílio temos a menção a *Actius Apollo*⁵⁵; com Propércio temos a expressão *Actius Phoebus*⁵⁶; e com Ovídio temos a referência a *Actiaco Apolline*⁵⁷. Apesar de tais obras terem sido publicadas anos após a inauguração do templo, os autores que trabalham com esta temática são praticamente unânimes⁵⁸ em defender que na época de sua consagração, tanto Otaviano quanto seus contemporâneos associaram o templo de Apolo Palatino à vitória de Ácio, de modo que o templo teria assumido um novo papel, o de ser uma oferta feita como um ato de “ação de graças” pela vitória em Ácio⁵⁹. O templo possuía, assim, duas memórias relacionadas à sua construção: a expiação de um *prodigium* e o agradecimento à vitória em Ácio.

*Assim, o templo foi construído lá, e ele estava ligado à sua casa (de Otaviano). Após a vitória em Ácio, Apolo, cuja proteção a Otaviano tinha sido sugerida pelo prodigium de 36 a.C. e suas consequências, assumiu a papel de um poderoso protetor e deus da guerra. Apollo Palatinus agora se tornou Apollo Actiacus, e o prodígio de 36 a.C. foi retrospectivamente revelado como um anúncio de vitória e imperium. Com o seu esplendor, seus pórticos e bibliotecas, o templo de Apolo era um símbolo do novo regime imperial*⁶⁰.

Devemos ressaltar ainda o fato de Apolo ser o deus tutelar de Otaviano, ligado às suas vitórias, o que deixa bem claro seu apreço por este deus, que de tão singular não havia sido associado a nenhum homólogo romano, sendo por isso associado a toda uma tradição helênica, com a qual Otaviano demonstrava se ligar. Também surpreende o fato de que “até essa altura, este deus, que conservava o seu caráter helênico, não havia sido admitido no interior do *pomerium*, o recinto sagrado da cidade”⁶¹.

⁵⁵ Verg. A. 8. 704.

⁵⁶ Prop. 4. 6.

⁵⁷ Ov. Met. 13. 715.

⁵⁸ Robert A. GURVAL (2001) 87-130 não concorda com esta espécie de consenso, pois segundo ele, no momento da dedicação, nem Otaviano nem seus contemporâneos fizeram uma conexão entre o templo palatino e a vitória de Ácio.

⁵⁹ HEKSTER; RICH (2006) 163.

⁶⁰ SCHEID (2007) 179.

⁶¹ GRIMAL (1997) 36.

De acordo com Michael Lipka⁶², os deuses poderiam ter focos funcionais distintos e independentes e Apolo era um exemplo disso, pois ele era o deus da cura, mas também possuía como função ser o guardião das artes e ser o deus das competências proféticas. Estes três aspectos distintos se desenvolveram independentemente, de modo que mesmo já sendo reverenciado pelos romanos como o deus da cura, possuindo seu templo no Campo de Marte, Otaviano o elegeu como seu protetor, se associando a outras funções e características de Apolo, tais como a moral, a disciplina, a ligação com a cultura e a arte.

De acordo com Boldrer⁶³, a escolha de Apolo por Otaviano reflete sua inclinação a um ideal de racionalidade, beleza e zelo, de modo que sua devoção por um deus predominantemente grego se relacionava com seu gosto pela cultura grega, mas ele teria também buscado “romanizar” o culto apolíneo presente em Roma, ao criar uma conexão entre o deus e a batalha de Ácio (um fato histórico romano), ao dedicar estátuas de Apolo nos santuários em bairros de Roma, ao promover *ludi* e ao encorajar composições poéticas em honra a Apolo.

Outro fator importante no que se refere à memória relacionada a tal templo diz respeito ao local de sua construção e as associações daí advindas. Como tratamos anteriormente, o Templo de Apolo Palatino foi o primeiro templo dedicado a Apolo a se localizar no interior do *pomerium*⁶⁴. A linha do *pomerium* definia as fronteiras sagradas da cidade, e no que se refere à construção de templos, não havia uma regra ou restrição sobre que templos poderiam ser construídos em seu interior.

Deste modo, apesar de não existir regra que proibisse a construção de templos a divindades estrangeiras dentro do *pomerium*, o fato de Apolo ter seu primeiro templo dentro do *pomerium* no início do governo de Augusto é significativo, principalmente pelo fato de que no mesmo ano da consagração

⁶² (2009) 72.

⁶³ (2015) 143-144.

⁶⁴ Haja vista que o outro templo dedicado a Apolo, em Roma, se localizava no Campo de Marte. Com a construção deste novo templo dedicado a Apolo, agora no interior do *pomerium*, percebemos que o templo do Palatino passou a rivalizar com o templo do Campo de Marte, o sobrepujando e mesmo assumindo funções que antes lhe pertenciam.

do templo, Otaviano banuiu os cultos egípcios de dentro do *pomerium*⁶⁵, ato que deve ser visto relacionado à vitória de Ácio e à propaganda negativa que seu grupo de apoio lançou contra Marco Antônio e sua ligação com Cleópatra. Ou seja, num mesmo ano Otaviano trouxe um deus grego, sem homólogo no panteão romano, para ser cultuado dentro do *pomerium* e banuiu os cultos aos deuses egípcios de dentro destas fronteiras sagradas, embora não de Roma. Anos mais tarde, em 21 a.C., Agripa estende esta proibição para uma milha além do *pomerium*. De acordo com Vito Mazzuca,

*Através destas duas medidas, dentro de um plano preciso de recuperação da sociedade romana, Augusto pretendia reestabelecer e renovar o tradicional sistema de cultos antigos, a fim de garantir o renascimento religioso e moral e, sobretudo, a permanente estabilidade social*⁶⁶.

Segundo Orlin⁶⁷, a ação de Otaviano em não permitir o culto de divindades egípcias dentro do *pomerium* deriva da necessidade de limites claros a fim de estabelecer e manter a identidade de grupo. Ao usar o *pomerium* para diferenciar os cultos egípcios dos cultos romanos em 28 a.C., ele marcava os ritos egípcios como não-romanos, alcançando, assim, um duplo objetivo: aceitar o Egito dentro da esfera do Império Romano, mas também demarcar a fronteira entre romano e não-romano para recriar um sentido claro da identidade romana.

Além disso, o templo de Apolo Palatino demonstra em que nível se deu a utilização de um referencial helênico por parte de Augusto em seu governo, simbolizando sua ligação com características próprias deste deus grego, tais como a moral e a disciplina, que se ligaram com alguns aspectos presentes no modo de governar deste *Princeps*.

Quando Otaviano construiu um novo templo para Apolo em Roma, ele enfatizou precisamente esses aspectos "gregos" do deus. Como um sinal dessa mudança de abordagem, ele moveu os Livros Sibílicos de sua casa tradicional no templo de Júpiter

⁶⁵ A partir desta decisão de Otaviano, os templos públicos dedicados a Ísis, que se localizavam dentro do *pomerium*, foram interditados, enquanto que aqueles construídos por iniciativa privada deveriam ser mantidos pelos descendentes dos fundadores; já os santuários edificadas fora do *pomerium* estariam aos cuidados do Imperador, MAZZUCA (2015) 181.

⁶⁶ MAZZUCA (2015) 181.

⁶⁷ (2008) 243-245.

*Capitolino e os colocou dentro de seu novo templo para Apolo; os pronunciamentos oraculares mais proeminentes de Roma estavam doravante sob o cuidado de Apolo, assim como o oráculo mais proeminente no mundo grego estava localizado num santuário de Apolo. [...] o lugar do templo de Apolo dentro do pomerium sugere que o culto grego, Apolo, devia ser considerado romano*⁶⁸.

O complexo de Apolo marcou o início do governo de Otaviano, estando intimamente ligado ao contexto de transição entre o período triunviral e o Principado. Mesmo tendo sido iniciado antes da vitória sobre Marco Antônio e Cleópatra, o complexo de Apolo foi amplamente associado a esta importante vitória militar de Otaviano, de tal forma que na memória construída em torno deste acontecimento o templo figurou como uma oferta de ação de graças pela vitória, como um presente dado ao deus que ajudou a trazer a paz para Roma, afastando a ameaça oriental representada pela rainha egípcia.

Percebemos, assim, a grande importância que a construção deste complexo arquitetônico destinado a Apolo, sobre uma das colinas mais importantes de Roma e que servia de moradia para o novo fundador de Roma, desempenhou na construção de uma memória relativa ao início do governo do futuro Augusto, que soube manipular as representações de um importante acontecimento, como a batalha de Ácio, para que o templo se conectasse a ele. O complexo de Apolo pode ser considerado um marco inaugural, não apenas do governo do *Princeps*, como de todo um imaginário que deu sustentação a seu poder.

Referências bibliográficas

Fontes:

- DIO CASSIVS (1924), *Dio's Roman History*. Trad. Earnest Cary. Harvard: University Press.
- OVID (1939), *Tristia*. Trad. Arthur Leslie WHEELER. London: William Heinemann.
- OVÍDIO (2011), *Amores*. Tradução de Carlos Ascenso ANDRÉ. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- OVÍDIO (2015), *Fastos*. Tradução de Márcio Meirelles GOUVÊA JUNIOR. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

⁶⁸ ORLIN (2008) 245-246.

- PROPÉRCIO (2014), *Elegias*. Tradução de Guilherme Gontijo FLORES. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- SUETÔNIO (2007), *Vida de Augusto*. Tradução de M. TREVIZAM; P. S. VASCONCELLOS; A. M. REZENDE. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- VELLEIUS PATERCVLVS (1966), *Roman History*. Trad. Frederick W. SHIPLEY. Harvard: University Press.
- VIRGÍLIO (2016), *Eneida*. Tradução de Carlos A. NUNES. São Paulo: Editora 34.

Obras Gerais:

- BOLDREY, F. (2015), "Augusto e il tempio di Apollo Palatino: tradizione e innovazione (com lettura di Properzio 2, 31)": I. Baglioni (2015), *Saeculum Aureum: Tradizione e innovazione nella religione romana di epoca augustea*. Roma: Quasar, 143-155, v. 2.
- CAPPELLI, R.; MONACO, A. (2018), *Il museo archeologico nazionale di Napoli: Guida*. Nápoles: Electa.
- CARANDINI, A.; BRUNO, D.; FRAIOLI, F. (2010), *Le case del potere nell'antica Roma*. Roma: Editori Laterza.
- CARANDINI, A.; CARAFA, P. (2012), *Atlante di Roma antica. Biografia e ritratti della città, 1. Testi e immagini*. Milão: Electa.
- CASSON, L. (2018), *Bibliotecas no Mundo Antigo*. São Paulo: Vestígio.
- CECAMORE, C. (2002), *Palatium: Topografia storica del Palatino tra III sec. a.C e I sec. d.C*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- CECAMORE, C. (2004), "Le figure e lo spazio sulla base di Sorrento": *MDAI(R)* (2004) 105-141.
- CLARIDGE, A. (2010), *Rome. An Oxford Archaeological Guide*. Oxford: University Press.
- FAVRO, D. (2008), *The Urban Image of Augustan Rome*. Los Angeles: Cambridge University Press.
- GAGE, J. (1955), *Apollon romain. Essai sur le culte d'Apollon et le développement du "ritus Graecus" à Rome des origines à Auguste*. Paris.
- GALINSKY, K. (1998), *Augustan Culture: An interpretive introduction*. New Jersey: Princeton University Press.
- GASPARRI, C.; TOMEI, M. A. (2014), *Museo Palatino: le collezioni*. Milão: Electa.
- GROS, P. (2003), "Le Bois Sacré du Palatin: Une Composante Oubliée du Sanctuaire Augustéen d'Apollon": *Revue Archéologique* (2003) 51-66.
- GURVAL, R. A. (2001), *Actium and Augustus. The Politics and Emotions of Civil War*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

- HEKSTER, O.; RICH, J. (2006), "Octavian and the Thunderbolt: The Temple of Apollo Palatinus and Roman Traditions of Temple Building": *Classical Quarterly* (2006) 149-168.
- LA ROCCA, E. (2018-2019), "Lo sguardo di Ovidio sulla Roma augustea": F. GHEDINI (2018-2019), *Ovidio: Amori, miti e altre storie*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 43-49.
- LANGE, C. H. (2009), *Res Publica Constituta: Actium, Apollo and the Accomplishment of the Triumviral Assignment*. Leiden: Brill.
- LIPKA, M. (2009), *Roman Gods: A conceptual approach*. Danvers: Brill.
- MAZZUCA, V. (2015), "Religione e politica: Iside e Augusto": I. BAGLIONI (2015), *Saeculum Aureum: Tradizione e innovazione nella religione romana di epoca augustea*. Roma: Quasar, 177-188, v. 2.
- MILLER, J. F. (2009), *Apollo, Augustus and the Poets*. Cambridge: University Press.
- ORLIN, E. (2007), "Augustan Religion and the Reshaping of Roman Memory": *Arethusa* (2007) 73-92.
- ORLIN, E. (2008), "Octavian and Egyptian Cults: Redrawing the Boundaries of Romanness": *The American Journal of Philology* (2008) 231-253.
- PENSABENE, P. (2017), *Scavi del Palatino 2: Culti, architettura e decorazioni*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- QUENEMOEN, C. K. (2006), "The Portico of the Danaids: A New Reconstruction": *American Journal of Archaeology* (2006) 229-250.
- RICHARDSON, L. (1992), *A New Topographical Dictionary of Ancient Rome*. London: Johns Hopkins University Press.
- ROCCOS, L. J. (1989), "Apollo Palatinus: The Augustan Apollo on the Sorrento Base": *American Journal of Archaeology* (1989) 571-588.
- SAURON, G. (2013), "Mito e potere: la mistificazione augustea": E. La Rocca et al. (2013), *Augusto: Catalogo della mostra presso le Scuderie del Quirinale*. Roma: Electa, 85-91.
- SCHEID, J. (2007), "Augustus and roman religion": K. GALINSKY (Ed.) (2007), *The Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 175-193.
- STAMPER, J. W. (2005), *The Architecture of Roman Temples: The Republic to the Middle Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TOMEI, M. A. (2000), "I resti dell'arco di Ottavio sul Palatino e il portico delle Danaidi": *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité* (2000) 557-610.
- WISEMAN, T. P. (2012), "A Debate on the temple of Apollo Palatinus: Roma Quadrata, archaic huts, the house of Augustus, and the orientation of Palatine Apollo": *Journal of Roman Archaeology* (2012) 371-387.

- ZANKER, P. (2005), *Augusto y el poder de las imagines*. Madrid: Alianza Forma.
- ZANKER, P. (2018-2019), “I templi degli dèi di Augusto”: F. Ghedini (2018-2019), *Ovidio: Amori, miti e altre storie*. Roma: L’Erma di Bretschneider, 50-57.
- ZINK, S. (2012), “Old and new archaeological evidence for the plan of the Palatine temple of Apollo”: *Journal of Roman Archaeology* (2012) 387-402.
- ZINK, S. (2014), “Polychromy in Roman Architecture: Colours, Materials, and Techniques”: J. S. Ostergaard; A. M. Nielsen (Eds.) (2014), *Transformations: Classical Sculpture in Colour*. Copenhagen: Ny Carlsberg Glyptotek, 236-255.
- ZINK, S; PIENING, H. (2009), “Haec aurea templa: the Palatine temple of Apollo and its polychromy”: *Journal of Roman Archaeology* (2009) 109-122.

Resumo: Otaviano, posteriormente denominado de Augusto, dedicou uma atenção especial aos empreendimentos arquitetônicos ao longo de sua vida política, sendo esta uma estratégia de poder utilizada por ele. Neste trabalho, tratamos sobre a construção do complexo arquitetônico de Apolo, no Palatino, empreendida por Otaviano, ressaltando a importância simbólica do local de sua construção e do deus ao qual foi dedicado; a relação que se estabeleceu entre este complexo e o contexto de sua consagração; bem como analisando as suas principais características.

Palavras-chave: Otaviano; Apolo Palatino; Ácio; Poder; Arquitetura.

Resumen: Octavio, más tarde llamado Augusto, dedicó especial atención a las empresas arquitectónicas a lo largo de su vida política, siendo ésta una estrategia de poder utilizada por él. En este trabajo, se aborda la construcción del complejo arquitectónico de Apolo, en el Palatino, llevado a cabo por Octavio, destacando la importancia simbólica del lugar de su construcción y del dios al que estaba dedicado; la relación que se estableció entre este complejo y el contexto de su consagración; además analizar sus principales características.

Palabras clave: Octavio; Apolo Palatino; Acio; Poder; Arquitectura.

Résumé : Ottaviano, par la suite appelé Auguste, a accordé une attention particulière aux projets architecturaux tout au long de sa vie politique, en tant que stratégie de pouvoir. Dans cet article, nous évoquerons la construction du complexe architectural d'Apollon, sur le Palatin, entreprise par Ottaviano. Nous soulignerons l'importance symbolique du site de cette construction et du dieu auquel il était dédié, ainsi que la relation qui s'est établie entre ce complexe et le contexte de sa consécration, et nous analyserons ses principales caractéristiques.

Mots-clés : Ottaviano ; Apollon Palatin ; *Actium* ; Pouvoir ; Architecture.